# PORTUGAL

# A Beira

POR

LUÍS CHAVES

EXPOSIÇÃO PORTUGUESA EM SEVILHA

PORTUGAL

A Beira

# A BEIRA

# PORTUGAL

# A Beira

POR

LUÍS CHAVES

EXPOSIÇÃO PORTUGUESA EM SEVILHA

# A BEIRA

Ó alta Serra da Estrêla,
Onde coalha a neve pura...

▪

Ó alto do Caramulo,
Não derretas a tua neve...

▪

Oh! que lindos arredores
Tem Celorico da Beira!...

*De cantares da Beira.*

## I—*TERRA DA BEIRA*

DIZ UMA LENDA PORTUGUESA QUE, OUTRORA, em terras de Espanha houvera entrevista amigável de três rios: o Guadiana, o Tejo e o Douro. Eram palreiros estes senhores; e, aborrecidos de andar lá pelas cristas das montanhas natais, quiseram correr aventura. Combinaram então, como bons vizinhos que eram, e por bons companheiros que tinham na vontade de ser: dormiriam um bom sono, preparador de energias para o pedestrianismo que se propunham, e o primeiro que despertasse chamaria os outros, partindo todos ao seu destino. Dito e feito! Deitaram-se a dormir.

O primeiro a acordar foi o Guadiana; olhou para os outros; e, ou por ter dó de os acordar, vendo-os a dormir tam bem, ou levado por ciúmes de concorrente, pôs-se a caminho sem chamar os vizinhos, e faltou à palavra. Escolheu aprazivelmente a sua derrota, como quem percorre, a recitar Vergílio, as aleas de um jardim frondoso.

Acorda a seguir o Tejo, esfrega os olhos, nota a falta de um dos vizinhos, e avista ao longe, lá na planície, o Guadiana a brincar com o sol, que o veste de escamas de ouro reluzente. Furioso, atira-se pelas serras abaixo, na ânsia de recuperar o tempo que perdera, não escolhe caminho, salta desfiladeiros, despenha-se dos alcantis que lhe embaraçam a marcha. Apertam-no as Serras de Toledo e de Guadalupe, ao Meio-dia, e as de S. Vi-

ESCOLA TIPOGRÁFICA
DA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA
M·CM·XXIX

cente e de Gredos, pelo Norte; e, para entrar em Portugal, onde o Guadiana passeia a gozar do jardim, salta num pulo mortal os penedos altaneiros das Portas de Ródão. De aí em diante corre deliciosamente, deixando-se rolar na planície, ora charneca, ora várzea, até o mar.

Acorda por fim o Douro. Então ardeu Tróia! Como um javardo hirsuto, furioso, bramante, encheu o ar de pragas. Quere vingar-se. Emquanto o Guadiana brilha ao sol como longa fita de aço, e o Tejo anda às curvas galantes, em passo medido e subtil de gavota, êle, o Douro, vítima da sua bruteza serrana, salta calhaus, desce vales, fundos como crateras; não escolhe, não pode escolher caminho, tudo lhe serve; perfura, cai, enche; serras, montes, mais montes, e mais serras, como um cavalo apocalíptico, tudo salta, despenhando-se doidamente.

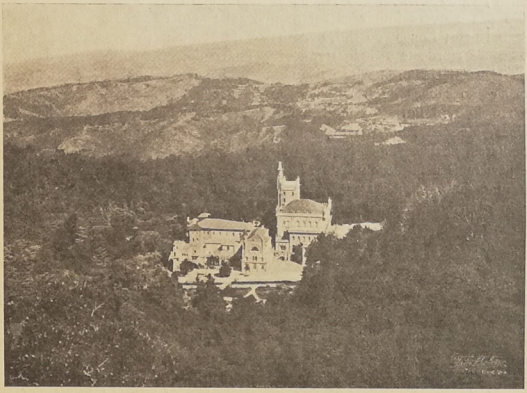
*

Pois a *Beira* é a terra portuguesa entre o Tejo, rio de salão e de cerimónia, ao Sul, e o Douro, rio plebeu e de revolta, ao Norte. Confina ao Nascente com o antigo reino de Leão e com uma nesga da Estremadura Espanhola; e vai pelo Poente luminoso de poalha até o mar. Continua pelo centro as serranias luso-castelhanas, que vão ter na Serra da Estrêla a maior altitude portuguesa nos seus 1:993 metros. Formou o *Principado da Beira*, e era seu titular o Príncipe herdeiro da Coroa.

Sobem do Douro essas terras da Beira, sobem as escarpas, vão da beleza de presépio da Régua e cercanias, onde até o rio na sua corrida fulminante se deleitou e amansou nos acordes pastoris da lira de Orfeu, para os altos alegres de Sande e de Souto Covo, a caminho da planura vasta e risonha, em direcção a *Lamego*. Ou vão das tristezas amargas de cenóbio, da região entre os rios Tua e Sabor, continuadas até Fozcoa, já aquém Douro, em chão da Beira, para as verduras frescas de arvoredos, vinhas e lameiras da Meda. Estamos em plena Beira: altos visos, largos horizontes, longes que se sucedem, montanhas que se sobrepõem, verduras que esmaltam êste solo sagrado, que parece uma scenografia da Terra da Promissão, encostas que escondem os penhascos na copagem grada dos pinheiros, sobreiros, carvalhos e castanheiros, vales fundos e cristas erguidas que se esfumam nas indecisões dos nevoeiros, e céu, um céu cada vez mais luminoso e alto.

Panoramas variados. Nem a monotonia verde, carregada de frescura exuberante, do Minho, nem o ar de tragédia, o escalvado de calvário revôlto, que afoga os vales opulentos e as veigas fecundas de Trás-os-Montes. É tudo; a combinação, por arte suprema, do idílio de égloga e do homérico da epopeia, desde o Tejo de sangue azul ao Douro de assomos rubros, desde os vales macios até os píncaros da *Serra da Estrêla*, do *Caramulo* ou da *Gardunha*.

Do lado do mar, espalma-se à borda da água a planície ondulada onde se espraia lento o Rio Vouga, e vai formar-se a *Ria de Aveiro*. Prolonga-se para o interior nas várzeas e nos vales perfumados, na verdura húmida e aberta de Oliveira de Azeméis, Vila da Feira e Macieira de Cambra; Albergaria-a-Velha, Sever, Oliveira de Frades e S. Pedro do Sul; Águeda, no meio de um parque faustoso, que lhe serve de cercadura e berço, onde sulca o Vouga e os seus afluentes—o Águeda e o Caima; o tapete de verdura



SERRA DO BUÇACO

revê-se no aço pulido e velho da Ria. Entre as escarpas do Caramulo e Oliveira do Bairro, essa toalha verde continua-se na Anadia, Mealhada, a correr dos vinhais de Mogofores, a subir num alto enfolhado até Pampilhosa, Coimbra, Montemor-o-Velho, já no vale manso e vasto do Mondego.

Entra e sobe êsse mar de verdes, tam variegados como a paleta heróica de Velasquez; sobe entre o *Caramulo*, ao Norte, — coberto de verdura, árvores em baixo, árvores no meio, carvalheiras, urzes, silvas e carqueja, até o cimo, rochedos nus do «Caramulinho» lá no alto a 1:298 metros,— e o *Buçaco*, ao Sul.

O Buçaco é de longe um tufo de jardim. O pinheiro e o cedro disputam a terra. Quem subir à Cruz Alta, uns minguados 630 metros, crê marinhar

com Dante às culminâncias do Paraíso. Seria êste o scenário onde esperaríamos o *Cordeiro Místico* de Van Eyck, no recolhimento da manhã, aos primeiros arrebóis, ou da tarde, nas últimas despedidas do sol; ouvir-se-iam então as vozes dos coros celestes, que cantam hinos ao Cordeiro, e os salmos das criaturas que para Êle erguem a voz. É a serra própria desta baixa, bem tapadinha de plantação e arvoredo, entre o Vouga e o Mondego; tem clareiras alegres entre a mancha verde-escura do cedro que alastra; o sol entra; como criança, que já olha a sombra, o Buçaco ergue-se nas pontas dos pés e quere imitar as serras que avista em redor: Caramulo e Grijó pelo Norte; Lousã, ao Sul, para baixo do Mondego; e o arcabouço gigantesco de Nordeste a Sudoeste, negro, ennevoado, coroado de neve, da Serra da Estrêla. Da Cruz Alta cai quási a prumo a encosta, e lá do tôpo, glabro como cabeça de franciscano, estende-se a vista que vai alcançar uma extensão sem fim nem limites. Olha-se para o fundo, vêem-se vilas garridas, alegres, como gaivotas alvissimas na onda continua; o oceano de pomares, hortas, vinhedos, milharais, prolonga-se indefinidamente; perde-se e perde-nos a noção da distância; e a Serra, ali ao meio, olhando ao longe o mar de rendilhas brancas, lembra a tentação de Jesus na Montanha, com o Diabo a apontar ao Filho de Deus as belezas sugestivas e cobiçosas da terra.

*Aveiro* com os pés na água, cidade de lagunas, onde os barcos gentis de velas trapezoidais, ora brancas, ora de púrpura a desmaiar, vogam num sonho e saem das margens como aparição, uma Veneza, modesta, mas alegre e caiadinha, com a Santa Joana Princesa por protectora a enriquecer-lhe a paz da alma e os arcanos da tradição ... Perde-se num pastel e guache nas ondas de aguarela mansa do Atlântico ... lá em baixo, ao fim. E do lado oposto, por cima das lombas de curveteios macios, *Coimbra*, a doutora, onde se formam doutores, pousa num outeiro majestoso, que é trono de rainha; casaria branca de roupa lavada a corar ao sol, o sol que dá brilho de mágica oriental ao arvoredo de oliveiras e laranjais, o sol que parece outro nos campos do Mondego, o rio do Choupal, das quintas históricas, das várzeas poéticas de jusante a Coimbra, o rio que banha e alaga com as suas águas portuguesas o convento da Rainha Santa, como se buscasse, para as regar bem, as rosas do milagre ... moldura edénica da cidade, que é um brasão.

De Coimbra, vale do Mondego acima, correm vilas num rosário, alvejantes, esparsas na verdura sempre repetida e sempre nova, como peças de heráldica dispostas no seu tabuleiro de esmalte: Poiares, Arganil, já nos mirantes da Estrêla, quási a par de Góis, hirtas sentinelas à entrada da Serra; Tábua, Oliveira do Hospital, na vertente esquerda; Seia e Gouveia a correrem para a Serra; Lorvão, princesa destronada na sua beleza aristocrática; Penacova, Mortágua, Santa Comba Dão, Carregal, Nelas, Man-

gualde, todas num concurso de beleza, no pendor direito. Da Serra da Lousã descem Miranda do Corvo e Lousã a espreitar como rôlas de entre os pinhais densos, que ilustrariam a scena da floresta de Birnam do *Macbeth*.

A Beira, risonha, vai subir. Por vezes zanga-se, tem má catadura. Percorre o vale do Mondego, paralelo à Estrêla, em um ninho de verdura através do qual o rio é de prata resplendente ao sol; pelo Dão vai a Mortágua, de contornos suaves, a Santa Comba, rodeada de vinhas, alegre na sua vigia alerta à riqueza do chão, Besteiros e Tondela, garridas nas faldas do Caramulo; Nelas, Senhorim, Mangualde, num planalto desafogado e alegre entre o Mondego e o Dão, seu afluente dilecto; série sem fim, confortante, de arvoredos, pomares, vinhas, muita luz, muita alvura nos casais, muita alegria no ar e paz no chão.

Pelo vale do Vouga sobe entre o Caramulo e a Serra da Gralheira; atravessa as regiões verdes de S. Pedro do Sul, com a sua paisagem de painel místico, os extensos e deliciosos panoramas de Vouzela, a cavaleiro de um ramo do Caramulo. Pelo vale do Paiva pitoresco, entre os alcantis da Gralheira e de Montemuro, lameiros de esmeralda onde a água se descobre ao sol, e as vacas retoiçam e chapinham, até Castro Daire no centro de um horizonte de montanhas.

Fica-nos para trás a *Beira Mar*, ao rés do oceano. Subimos à *Beira Alta*, entre serras: o Buçaco, o Caramulo e Montemuro em ascensão do lado da Beira Mar; a Serra da Lousã, da Estrêla, os Montes das Chans, e Serra da Lapa, a separá-la da *Beira Baixa* pelo Sul e Nascente.

Pelas linhas de penetração do Mondego-Dão e do Vouga, chega-se ao centro da Beira, a cidade de *Viseu;* os campos em volta, extremamente belos, semeiam-se de casais e esmaltam-se de águas; à volta, mais ou menos longínquos horizontes de serras; ergue os olhos das multidões a beleza da serra. Sobe-se ao Norte um pouco mais, e topa-se *Lamego*, cidade heráldica, cidade museu; vai esbarrar-se com o Douro, sôbre cujo vale fundo a Beira começa a descer; à volta Resende, Tarouca, Moimenta, Tabuaço, Armamar, num arco-íris de frondes mimosas, que vai apoiar os dois extremos no Douro. Dos altos da continua sucessão de serras fragosas e de chãos fecundos, nódoa de verdes aqui claros ali fundamente carregados, além amarelo nos milharais, à direita mui tenros nas hortas, e esmeraldinos nas vinhas da esquerda ... Penalva do Castelo, para os lados da Serra da Lapa, com Aguiar da Beira lá em cima; Mangualde, de formosíssimos panoramas; Celorico, à beira do Mondego, nos primeiros ladeiros da Estrêla, com o castelo alcandorado nas fragas, bordado de tôrres e ameias, que espelham no rio a imagem heróica de uma evocação guerreira; Trancoso, num alto florido, a engastar em louçanias o seu castelo de velhas tradições patrióticas ... vai-se descendo sempre desde Penalva, Mangualde, pela região

esplêndida e farta de Fornos de Algodres e Celorico a um lado, e Trancoso do outro lado ... descendo, descendo para a *Beira Baixa*.

Para cima estende-se a Beira Alta até o Douro, na parte mais revolvida e fera do seu curso português. Vila Franca das Naves em vale ressumante, um canto de ar livre de paleta bem artística, à beira da Serra da Broca, uma das maravilhas da Beira; mais acima, no seu planalto, fidalga altivez

SERRA DA ESTRÊLA—LAGOA ESCURA

de dama antiga, a vila da Meda, com o castelo de atalaia; para a fronteira, a parar a invasão do estranho, Castelo Melhor, Marialva, Castelo Rodrigo, como águia à espreita nas penedias da Serra da Marofa; logo abaixo a cidade de *Pinhel*, a vila de Almeida, vítima de todas as agressões à pátria; linha de trincheiras da Beira, apoiada atrás em fincapé confiante na cidade da *Guarda*, de relevos duros, cidadela rude com a sé episcopal armada em nau de guerra, a subir a Serra da Estrêla para se segurar melhor ao chão que tem de defender.

Ao meio está a *Serra da Estrêla*, sempre imponente, com a massa disforme a alongar-se no horizonte, com as neves puríssimas, com os rochedos formidáveis, o *Cântaro Grande*, o *Cântaro Pequeno*, em posição militar de

COIMBRA—UNIVERSIDADE

firme, para que toda a Beira os veja, e sinta o apêgo íntimo indestrutível ao torrão natal. Sobem para ela as montanhas em roda. É o centro culminante de Portugal, é o centro da Beira.

Nas descidas ásperas da Serra, está a Covilhã, guindada sôbre o vale formoso e farto do Rio Zêzere, a espreitar a *Cova da Beira*, opulentíssima de arvoredo, pomares, olivais, afundada entre as Serras da Estrêla, da Gardunha e do Moradal. Aí se ajardinam os montes, revestidos de soutos, pinhais, olivedos, hortas e pomares; seiva, muita seiva, fartura de milagre; são terras da Covilhã, Fundão e Belmonte. Estende-se para os lados da Espanha e para Sul a vasta chã que chamam «Campo», com Penamacor, Idanha-a-Nova e a cidade de *Castelo Branco*, senhora de todas estas baixas entre o campo e a charneca rasa, que vai até o Tejo, e onde êste rio coleia a passeá-la serenamente ... em passo nobre de gavota. É a *Beira Baixa*.

A Beira, a Beira enorme e variada, ora cheia de penedos encastelados, a subir em ameaças, ora amena e aprazível nos vales húmidos e nos planaltos exuberantes de cultura e arvoredo, é um parque onde Portugal vai gozar a sombra e deleitar os olhos cansados. A Beira, que não esquece! Coração de Portugal, desde a Serra da Estrêla ao Mar das Caravelas! Lá no meio, *Viseu* das brumas de Viriato, e acima, *Lamego* das côrtes de lenda, onde o Rei primeiro teria sido proclamado às terras do Portugal de então; fronteira à Espanha, a *Guarda* passeia no adarve a gritar: — «quem vem lá?». E a descer: *Castelo Branco*, lavradora pacífica, a pensar no dia da feira e na folhinha agrícola, arroteando bonacheiramente as leivas; *Covilhã* industrial, em actividade fabril, fumarenta, buliçosa, na placidez serena da paisagem; *Coimbra*, para as planas da Beira Mar, com as lendas perfumadas de bondade da Rainha Santa, com os túmulos sagrados de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I, os primeiros reis da Grei, com a Universidade medieval; *Aveiro* na costa arriba, cidade piscosa, farol da Beira, o banheiro que espera a província para lhe dar os banhos de mar; e, na barra do Mondego, a *Figueira da Foz*, que oferece ao forasteiro viajado as comodidades da civilização, a beleza da terra e o luxo modernista de uma praia moderna.

É um presépio que se corre a toda a volta, e dá vontade de percorrer de joelhos. E tu, leitor, que tens os teus pecados, ou sentes o pêso da vida, pega em ti, vai à romagem da Beira, percorre-a, reza-a de mãos postas, beija-lhe o ar, pousa de mansinho os pés nesse chão que chora água, se o magoas; faze no fim o teu exame de consciência, e verás que tenho razão. Que a Beira é um passeio ... e um álbum de impressões. Deveria criar-se o prolóquio, afinal uma adaptação: «ver a Beira, e morrer depois». Quem não a viu, veja-a e dirá: quem a viu, recorda-a e quererá voltar a vê-la, pedindo a Deus que lhe conserve para isso a vida.

## II—A GENTE DA BEIRA

Parte integrante da paisagem é o habitante. Há por toda a parte uma afinidade íntima entre o homem e a terra: as casas onde vive, os campos de que tira o suor e o pão, a forma como traja, as lendas que cria, a língua em que as conta e reza as orações e canta os seus amores, a sua terra e as suas alegrias ... E o homem reflecte a natureza envolvente num mimetismo de adaptação. Por isso, ver a Beira tem de ser a visita da terra e do seu habitante, o *Beirão*, que lhe dá vida e a quem ela serve de scenário, como nas histórias de fadas há sempre um palácio e neste palácio um príncipe encantado.

BEIRA LITORAL
MULHER DA REGIÃO DE AVEIRO
(BORDA DÁGUA)

Se a natureza da região varia, há-de variar com a scenografia a indumentária das personagens, e assim é. A Beira tem as três modalidades genéricas que o relêvo lhe define: à borda do mar, baixa e plana, ondulada e verde; ao centro, planáltica e bordada de serras; na descida para o Sul e Sueste, baixa, por vezes encovada, serras espalhadas para mais contraste com a plana chã dos campos e das charnecas. Pois o habitante varia na razão das modalidades regionais. Para o Beirão da Beira Baixa, há nas terras da sua província a *Serra*, que é a Serra da Estrêla, e *Trás da Serra* para além da linha de cumiadas da Serra da Estrêla; e para êle o *Beirão* é o habitante da Cova da Beira, como o *Camponês* é o do «Campo», ao Norte do *Charnequeiro* ou *Charneco* da «Charneca», que é o Sul da Beira Baixa de Castelo Branco ao Tejo.

De uma forma geral, devemos de ver o Beirão sob estes dois aspectos: o serrano e o campaniço; mas o campaniço é de à beira da serra ou de à beira do mar. E já se delineará assim o Beirão das três zonas territoriais: o da *Beira Mar*, campaniço ribeirinho de *habitat* piscatório agrícola, e trajo característico mais ou menos alterado com a distância da costa; o da *Beira Alta*, por tipo o serrano de *habitat* pastoril da Serra da Estrêla e do Cara-

mulo; o da *Beira Baixa*, campaniço de à beira da serra, de *habitat* agrícola e pastoril, na charneca *Charnequeiro*, no campo *Camponês*, no vale do Zêzere *Ribeirinho*, na fronteira *Arraiano*, e para o Norte na Terra fria, que é a zona beiroa para cima da Cova da Beira, ou «Cimo Coa», o *Serrano*.

O homem da Beira Mar, na linha da costa, o *Marinhão*, dedica-se por condicionalismo natural à faina marinha ou que das águas do mar depende: é pescador no mar, lavrador na terra, que o oceano aduba, nateira e humedece. A mulher auxilia-o na terra como complemento da labuta dêle no mar; êle arrisca-se nas ondas, ela vende o pescado trazido nas barcas, e, na descarga do peixe, entra e sai da água como a nereida mais desenvolta: quando êle, de forquilha em punho como um Neptuno, prende o moliço, ela arrasta-o para o campo onde há-de fermentar e adubar as leiras.

A luta constante fez de um e outro gimnastas olímpicos. E o trajo adequa-se à faina: o homem enverga camisola de malha azul e manaias brancas de algodão muito largas e muito curtas, para dar liberdade aos movimentos rudes da faina marinheira; os rins aconchegam-se na faixa preta; na cabeça a carapuça de lã entra até as orelhas, e a ponta cai para o lado ou para a frente, cobre mesmo as orelhas quando o frio aperta; meio nu, cobre-se com o *gabão* de briche, espécie de ferragoulo fradesco de amplos panos e capuz, que se chama *varino* ou «gabão de Aveiro»; a mulher tem seu modêlo clássico definido na *ovarina* ou *varina*, a mulher de Ovar, na Ria de Ovar, extrema ramificação setentrional da Ria de Aveiro; a designação abrange extensivamente toda a mulher da região marinha entre Ovar e Mira, e até mesmo entre Espinho e Buarcos, vindo depois aplicar-se genèricamente a toda a vendedeira de peixe nas ruas de Lisboa.

A *ovarina* tem a elegância airosa de peixe dentro de água; a saia, mui rodada, é soerguida nas ancas, cingidas pela cinta negra, fortemente apertada com muitas voltas; o busto emerge esguio do rôlo formado pela saia subida para a cintura e veste um corpete colorido, justo, de gola aberta e mangas arregaçadas; na cabeça um lenço caído em três pontas a esvoaçar livremente, ou sôlta apenas a do meio, e em cima dêste lenço, variegado por vezes como um canteiro, assenta um chapelinho redondo, negro, de abas reviradas que, mais ou menos largo, com ou sem borlas de lã a decorá-lo, vai cobrir as cabeças de toutinegra de todas as mulheres do litoral beirão. Não correm aqueles pés nus, que a terra patina e encoura, vôam; e ela vai coleando pelos areais e pelos campos fora, senhora soberba da sua beleza tão gabada. Com a canastra à cabeça é uma cariátide de templo oceânico ou de casa de corporação dos marítimos.

À ovarina opõe-se a mulher de Ílhavo, coletinho alegre sôbre a camisa branca, afogada no pescoço, e enciúma-se com elas a da Murtosa, que passa pela mais perfeita beleza de mulher do litoral da Ria de Aveiro.

Mas uma cousa é ver a ovarina em seu trajo de trabalho e outra vê-la na sua andaina rica de passeio e cerimónia grada; então luxa: deita ao pescoço os grilhões de ouro de muitas voltas, que lhe bamboleiam ao peito corações e cruzes maciças; monta o ouro todo que tem, fica ourada; põe um chaile vistoso de franjado bailador, em que se envolve; cai-lhe dos cabelos apanhados em bandós o lenço vistoso, que descai por debaixo do chaile; e bailam-lhe nos pés, de meias brancas, umas chinelinhas de conto de fada, que mal se seguram nos dedos, e onde o pé não cabe.

BEIRA LITORAL
MULHER DE ÍLHAVO

A correcção do tipo desta mulher-sereia levou os poetas do maravilhoso dos tempos idos a considerá-la, uns por descendente de helenos, superstição do clássico e da beleza helénica, outros por vestígios de cartagineses, influência de Avieno e da *Ora Marítima*, e superstição do mito aventureiro. Mixto de quantas raças puderam deixar seu sangue, como em todas as costas, tanto mais quanto maior fôr o abrigo, a população e o contacto mercantil, esta gente do litoral é também afeiçoada pelo mar, de um lado, e pela terra chã, ampla, rica, do outro. Resistente, mantém o seu tipo, como vai mantendo contra as invasões estranhas a sua *facies* externa da indumenta.

Com menor correcção, continua para o Sul a ribeirinha, que depois dos areais e das dunas abaixo da Ria de Aveiro, mais pobre nas terras sáfaras, areadas pelo mar, vai ressurgir, menos ovarina e mais tricana, pelas praias da Figueira da Foz.

Para o interior, sempre na zona baixa, o tipo feminino não se afasta muito do litoral; é a mulher da bacia inferior do Vouga, mais forte por essas várzeas ridentes da Mealhada para cima, a *Serra* em oposição à baixa litoral, e mais elegante daí para baixo, até atingir o donaire e esvelteza da tricana de Coimbra e arredores.

A *tricana* é a mulher dos campos e baixas do Mondego inferior; o seu tipo taful concentra-se em Coimbra, a cidade santa de todo o ribeirinho mondeguenho. Está afeita a todos os trabalhos dos campos, pelos arrozais, nas hortas, onde trabalha como um homem a par dos homens, ora cavando, ora ceifando, ora tirando com movimentos rítmicos a água dos poços baixos com os engenhos primitivos de pau, que surgem de todos os lados, no meio das terras rasas, um aqui, dois acolá, como pernaltas de bico em riste,

à espera do peixe que passe ... Galantes, rápidas, saia curta, amarrada às coxas pela cinta que as enleia com arregaçá-las; camisota leve, de mangas a descobrir-lhes os braços, torneados pelo trabalho; o lenço na cabeça arrochado em nó sôbre a nuca ou sôbre o cocuruto, arrecadas pendentes das orelhas, elas tudo correm, em toda a parte as vemos; os pés, espalmados, quási não tocam o chão; cantam e riem; sôbre o ombro traçam o chaile que cruza o peito e a custo cobre as costas, deixando-lhes livres os braços no ritmo da marcha. Em Coimbra enchem as margens do rio, metidas na água como ninfas do Mondego, e o ar vibra com as cantigas alegres. Por isso a canção anuncia que

BEIRA LITORAL
MULHER DA MURTOSA

Das terras que tenho visto
É Coimbra a mais alegre.

Vem a hora da missa e o dia da romaria, chega o domingo com a música da tropa na Avenida e o passeio com os namorados. Então é de ver a metamorfose da tricana! Lembra figurinha de Goya: do negrume do trajo, amanhado com arte subtil, sobressai a face de perfil suave, mais branca na cidade, mais vivaz e rosada no adro da aldeia, porque «não há moças como as da aldeia», dizem cantares beirões; nos pés dependuram-se chinelinhas de pulimento pespontado, que a moda vai substituindo pelo sapato incaracterístico. Chaile negro cingido ao busto, saia negra, lenço-mantilha também negro a envolver os cabelos com arte de touca, a tricana tem um ar de saüdade no trajo, que contrasta com a sua vivacidade ou com a exuberância da natureza envolvente; e o talhe galante esfuma-se num carvão de Whistler.

Para cima, a região úbere do Vouga tem na mulher da Bairrada, a *bairresa*, e da Anadia a sua dríade característica. É forte e rija esta fornarina dos vinhedos ricos e das várzeas escorrentes de água. Rivaliza na côr com os campos, a côr da pele e a côr da indumentária. Percorre distâncias, vai à feira, à romaria, ou para o trabalho, na mesma paz de alma e na mesma alegria do Senhor, com a mesma cara de satisfação com que à tardinha ao toque do Angelus nas capelinhas bucólicas, poisadas nos cômoros a espreitá-la, se benze e reza as suas três Ave-Marias, e regressa ao *aido* cantando. É vê-la nas feiras espalhadas por ali, no mercado e feiras de Aveiro, no dia da espiga, o dia maior da Ascensão do Senhor, a passarinhar nas penumbras resinosas e nas clareiras ensoalhadas do Buçaco, sempre a cantar, rir

e dançar. Descalça, de tamancos ou chinelas na mão para calçar à entrada das povoações, palmilha o seu chão; e, como todas as mulheres desta região costeira, arregaça também a saia com a faixa que lhe aperta os quadris engrossando-a na cintura, e cobre a cabeça com o chapelito negro sôbre o lenço, que esvoaça ao andar ou a brisa brinqueira do Atlântico.

O homem pouco tem que ver na monotomia monocrómica do seu trajo, ora escuro, ora melado, de burel ou estamenha ou saragoça, sempre do mesmo figurino: jaqueta curta e apertada, que mal cobre os rins, lisa ou com alamares de fitilho negro nas costuras das costas e nos debruns da véstia, na gola, nos bolsos, nos punhos; colete curto e desabotoado, tam aberto que desaparece para só aparecer a camisa, que a preceito é branca de linho, e as pregas até atingir o colarinho revirado; à cinta a faixa, aqui negra, ali azul, além escarlate, abraça-o em numerosas voltas até lhe sairem as franjas das pontas em um dos abraços; as calças, justas, alargam sôbre o sapato ou botifarra de salto raso, onde segura a espora de lira, se vai de cavalaria; na cabeça um chapéu de fêltro, de abas largas e moles, ou a vulgaríssima carapuça derrubada.

BEIRA ALTA
MULHER DE LAMEGO

De passagem por êsses campos além deve-se observar como a gente ai trabalha, como vive e onde vive, como canta e se diverte. Na costa, as *bateiras* de pesca da Murtosa e de Ílhavo, as *labregas* e os *esguichos*, em forma de crescente, pontas mui altas a quererem juntar-se no ar, outras rasas, como os moliceiros, têm nomes de invocação religiosa: *Senhora do Mar*, *Senhora da Boa Viagem*, *Senhora dos Navegantes*, e muitas trazem também pintadas as imagens, uma ou mais, da sua invocação. Nas terras marginais abrem-se as salinas, onde os *marnotos* coram ao sol os montes de sal; as areias formam dunas, ou o homem domou-as, furtou-as ao mar, transformando-as à beira da Ria de Aveiro em terrenos ricos de vegetação, de onde emergem os casais scintilantes de cal, como ondas de espuma no meio de um oceano chão.

Aqui pelo litoral as casas são baixas de adôbe e arenito, tejolo ou madeira; de planta rectangular, voltam aos ventos marinhos um dos lados menores, ficando todas paralelas, a lembrar cavalos em linha, nas povoações. Para o Sul, onde a duna domina, as casas são todas de madeira, erguidas sôbre estacaria como cidades lacustres, como os *terramares* italianos, para as

areias, impelidas pelo vento, lhes passarem por baixo; formam então ao longo da costa os palheiros de Mira e Vagos.

Para o interior continuam-se, umas adiante das outras, povoações alvejantes no meio de frondes, que se espalham na mais policrómica mancha; do alto do Buçaco, do plató da Cruz-Alta, animam a païsagem sem longes num quadro inolvidável, emmoldurado no horizonte de serras e mar. Espreitam de entre as vinhas e dos pomares, cobertas de um bom lençol de cal, as paredes de granito; pelo Vouga ou pelo Águeda acima encontram-se a miúdo paredes de calhaus rolados; mais para o Norte, onde aparece o xisto, terras de Estarreja e Ovar, as casas têm as paredes côr de pinhão com as pátinas dêste material. São casas baixas, que atingem quando muito o primeiro andar; esta casa rural, que é cumulativamente como *vila rústica* habitação, estábulo, celeiro e arrecadação, tem a forma quadrada nas baixas, rectangular nas encostas ou nas proximidades do mar, para oferecer aos ventos e aos declives os lados menores. À entrada mostra logo o seu característico pecuário: tem à frente um *quinteiro,* ao ar livre, atapetado de estrume e mato, onde os gados descansam; no rés-do-chão dividem-se pelas quadras as adegas, celeiros, currais e alfaias; uma escada externa, de pedra, sobe ao primeiro andar até um patamar alpendrado, que dá passagem para a cozinha e se continua numa varanda com serventia de corredor para a entrada nos penates. A mais simples casinha campestre do litoral tem o seu *aido* estrumado, com portão ao fundo para a vivenda, e cancela para a *cortinha* de lavradio. Ao subir para a Beira Alta foge a cal, e as paredes surgem-nos como velhos encarquilhados.

De umas ou outras, lá dentro há gente; e o que passa, pode pedir à beirinha da estrada aquela boa água da terra e das almas bemfazejas; di-lo a cantiga da Beira, pode repeti-lo quem beber:

Oh! que púcaro tam belo,
Que água tam saborosa!
Quem na bebe é um cravo,
Quem na dá é uma rosa.

Numa região assim rica, esfuziante de vida azougada, cheia de ar e de vida, as almas haviam de ser alegres, e, de facto, poucas regiões portuguesas têm tamanha alegria como esta. Ouvir as cantigas marezinhas ao longo da costa, onde elas têm o marulhar do oceano; — o homem do mar embarca de companhia com a sua guitarra, é a única companheira que o segue até as ondas—; sentir as barcarolas onde passam nostalgias e rola a onda; dançar o bulício das danças da gente da costa; são partes seguidas da sinfonia rapsódica, a mais elucidativa prova do espírito da gente.

Uma quadra popular, pouco elogiativa da beleza das moças de Buarcos, refere-se-lhes aos cantares:

As raparigas de Buarcos
São feias, mas cantam bem ...

Mais para o campo, as vozes sobem como foguetes nos arraiais; saem das vindimadeiras, ébrias da loucura do sol, nessas vindimas que são a romaria da uva; cruzam-se nos rios, onde as lavadeiras de pés na água cantam as alegrias da passarada matinal. Ei-las nas romarias, nas capelinhas da praia: das Senhoras do Mar, das Senhoras dos Navegantes, das Senhoras da Encarnação, a quem pedem as raparigas

Livrai-me o meu amor,
Dai-lhe a vossa protecção,

um rosário de capelinhas pela costa fora, uma coroa de capelinhas à roda nos horizontes; cantam e dançam nesse torneio trovadoresco, onde nascem e onde se espalham, e onde concorrem as cantigas novas. Cantam num desafio, dançam coreografias rápidas como a onda, que ali as cantigas sincronizam: o *vira* («vira tu ou viro eu,—qual de nós vira primeiro»), a *cana verde* («a cana verde no mar,—anda à roda do vapor»), as danças de roda num rodopio («ora vá de roda ... vá de braço dado»); os marcadores das danças levam a missão a sério, e gritam para os bailadores: e «vira agora», e «torna a virar», e «vá de roda», e «torna a virar» ...

Sobem os caminhos à Beira Alta, grimpam-se aos montes; atrás predominava o plaino, à frente vai predominar a montanha. E são agora outras terras, outras gentes. Em *O Juiz da Beira* já dizia Gil Vicente:

As serranas Coimbrans
E as da Serra da Estrela,
Por mais que ninguem se vela,
Valem mais que as cidadans:
São pastoras tão louçans,
Que a todos fazem guerra
Bem desde o cume da serra.

(*Obras*, Lisboa 1852, III, 189).

Pelo Norte entre o Caramulo e a Gralheira fica o delicioso éden de Lafões, dominado pelo Monte Lafão, proeminência setentrional da Serra do Caramulo; êsse monte levanta dois cabeços impressionantes pelo recorte e imponência, impressão justificativa da crença supersticiosa do povo da região, que lhes atribui lendas de mouros.

Principiam as tradições mouriscas por estas serranias; os rochedos, formidáveis ou de feição curiosa, as ruínas de antigas eras, sugeriram à fantasia dos habitantes o maravilhoso do mouro; há penedos onde se ouvem teares a trabalhar ou sinos a badalar; há mouras encantadas que dormem ao lado de tesouros escondidos ...

A luta tradicional da raça com os mouros está petrificada em cada monte, cada castelo, cada rochedo, e transforma-se na luta de vida e morte com a natureza. Por contraste, as capelinhas pousam como anjos de alegoria cristianíssima sôbre os visos, acenam-nos de lá com asitas brancas e ungem a alma numa prece: a invocação mais constante nesses templozinhos de presépio é a da *Senhora dos Verdes*, sob cuja protecção os campos se alagam de fartura. Para a idea do presépio ser mais perfeita, sobem o torrão, onde os scenários se figuram, os mais característicos pastores da terra portuguesa.

BEIRA BAIXA
SERRA DA ESTRÊLA
PASTOR

Os pastores do Caramulo e da Estrêla são autênticos representantes da grei lusitana. Com enormes botifarras ferradas, onde os pés se perdem, polainas de saragoça, safões de pele de ovelha a resguardar-lhes do mato e das arestas dos rochedos as pernas, atreitas a guindar a serra, metidas em calções de briche; ao ombro, a manta de lã com capuz, para se acamarem no abrigo, e se resguardarem da cabeça aos pés, êles andam com o gado, vagueando de dia por amouchar de noite, debaixo do chapeirão que os cobre como barraca, e agarrando-se por amarra ao varapau, antes de quebrar que torcer. São personagens vicentinas de autos do Natal. Tam primitivos que para êles é um palácio qualquer lura na lapa de um penedo, ou um murozinho que êles mesmos fazem de pedra solta; e, nas horas de paciência, cantam pastorelas gradas; tocam rudes flautas, que sonham com as avenas de Vergílio e Horácio; entalham com *feituras* bocados de cortiça, madeira, cana ou chifre, de onde saem rocas, ganchos de meia, cocharras, saleiros, caixas que lhes servem de utilidade umas e vendem ou dão as outras.

No emtanto os ricos rebanhos merinos, que despem a lã que a Beira veste e negoceia, retouçam no pasto; os ecos das vozeadas repercutem-se pelo Caramulinho, lá em cima, nos Cântaros, no Malhão, nas lagoas da Estrêla enorme, cá para baixo. Lá do alto, êles são senhores do mundo.

Por essas serranias acima, as povoações cingem-se nas covas, abrigam-se com os rochedos; sem cal, são soturnas no tom cinzento-sujo do granito patinado; os telhados de palha centeia, curtida pela neve e segura com ripas e pedregulhos, desafiam os ventos; lá dentro acomoda-se toda a gente, conforme pode, o lume arde na lareira ou no chão natural, e a fumaceira, que denegriu cousas e seres, sai pela única abertura do antro, a porta, por defesa, pequena e estreita. Os homens e as mulheres, velhos e crianças, vestem grosseiramente de burel, entamancados os pés em trincheiras de pau e coiro; deitam pela cabeça sacos pardos de burel que os encapucham e descem aos joelhos: são as *capuchas* das serranias da Beira Alta.

BEIRA ALTA
MULHER DA SERRA
REGIÃO DE PINHEL

Nos cabeços olham pela paz e sossêgo de todo êste arcaísmo bemdito, que é um museu de etnografia, as mais benévolas Senhoras do Monte Alto, da Serra, do Castelo, das Preces. E um comunitarismo bíblico mantém por ali raízes fundas, simpàticamente conservadas com um régulato autoritário e forte.

Emquanto os carvoeiros rolam nas encostas o fumo da lenha amontoada, as azenhas, as noras, as «cegonhas», despejam nos campos baixos a água dos rios. No meio dessa planura recamada, entre o Caramulo e a Estrêla, corre as suas bênçãos nos campos férteis o Rio Dão; e o rio tem cantiga, cantares de almas líricas:

> Já lá vão as três pombinhas,
> Vão beber ao rio Dão;
> Levam o pombo no meio,
> A servir de guardião.

Avança-se para a fronteira. Os castelos, de tôrres e cortinas de muralhas, aqui de pé, ali acocorados como o agonizante que tenta reagir contra a morte e se soergue no derradeiro arranco, abrem no ar os dentes de ameias bem recortadas, numa raiva de defesa sem tréguas: morte ou glória. É uma formatura em parada: à frente, ante Espanha, a linha ousada dos primeiros; depois os apoios, os reforços, esculcas, atalaias.

O ar de museu militar da parte oriental da Beira Alta e raia da Beira Baixa, zona de defesa e de invasões, diz bem naquele rosário de campos

fartos, covas fecundas, charnecas infindas, olivedos cinzentos: são as vigias, que espreitam e guardam a riqueza da terra.

As cantigas do povo mimoseiam da beleza da païsagem; são cantares de poetas bairristas:

Lindas águas tem Trancoso,
Melhores as tem Marialva;
Melhores as tem minha terra,
Que é Castendo de Penalva.

▪

Adeus vila de Midões,
Rodeada de olivais...

▪

Oh! que lindos arredores,
Tem Celorico da Beira!...

Região rica, o negócio é vida, os almocreves cruzam a província; os mais activos são os *quadrasenhos*, que irradiam do Sabugal nas nascentes do Coa. Para cima corre o planalto que vai até o Douro, para baixo estendem-se as chãs, a *Cova da Beira*, a charneca até o Tejo. Região de guerras e assolações, a tradição enche os horizontes de combates, canta nos castelos estrofes da epopeia portuguesa, esconde em cada serra um Mouro tredo ou a beleza amorosa de Moura encantada. As serras, principalmente a da Gardunha, são mirantes de onde se olha a terra aproveitadinha e de onde caem as águas com a subtileza artística de cascatas de parque senhorial. Até as aldeias serranas são mais airosas; não há cal, mas amiúde as juntas de cantaria são argamassadas e cobertas de cal; afoitam-se mais em altura, brincam já, como crianças, às casas da cidade.

Povoação característica, histórica e etnogràficamente considerada, é a cidade de Pinhel, lá para cima no planalto do Coa. Muitas casas brasonadas, pedras nuas, armorial ao alto, janelas historiadas, senhorio sem heráldica; uma capela com brasão episcopal transformada em taberna; o paço episcopal em quartel; o bispado extinto; a igreja da Misericórdia com um portal de estilo manuelino; num largo o pelourinho medieval de gaiola, a lembrar os tempos fortes e as imunidades da sua autonomia municipal; e o castelo sobranceiro, em ruínas, mas com muros e duas tôrres mutiladas de pé, a comemorar os tempos em que a cidade era sentinela vigilante à entrada de Portugal. É um símbolo. A par do Velho do Restelo, poderia ser a Cidade Velha do Coa... aquele a falar às gentes nos versos de Camões, êste com a voz das cousas nas páginas duras da história.

E toda esta zona é assim: um mixto de campos verdes e serras que reverdecem, de canções de cavalaria e trovas de amor.

Das alturas descem os bandos ratinhos à segada ou seifa do centeio, da cevada e do trigo; do Campo à Charneca, passam ao Alto Alentejo a trabalhar nas searas do trigo; corre uma época de trabalho, alegria e fartura, que recompõe orçamentos e junta dotes de noivado, mas tem os seus contras: o calor, a rudeza da faina e, por vezes, o mau trato de lavradores menos cristãos na prática das obras de misericórdia, motivo por que se canta:

Se fores ceifar ao campo,
Não vás para o Lagoeiro;
Que te dão pão de cevada,
E pagam pouco dinheiro.

BEIRA ALTA
MULHER DE PINHEL

Nos dias de chuva grossa, o camponês anda no trabalho rural dentro de um capote de palha centeia, a *palhoça* ou *capa de junco*, e não entra lá pinga de água; o «quadrasenho» com os machos, o carreiro com os bois jungidos pela molhelha, que, preta e agarrada à cabeça, faz lembrar barrete de toureiro, lá vão também caminhos adiante com a *palhoça* a escorrer água, e na cabeça o grande chapéu *àbeiro*. Por aqui, de Verão e de Inverno, os homens trazem sempre os capotes de burel ou saragoça. O trajo característico vai encontrar-se na vila e campos pitorescos da Sertã; é êsse o figurino que Rafael Bordalo Pinheiro foi buscar para a caricatura do «Zé Povinho»: jaqueta curta sôbre um colete de quatro botões, amarrado com a faixa escarlate ou azul à cinta, calças direitas, çapatorros grandes, todo coberto pelo chapeirão a armá-lo em cogumelo de mancha melosa do burel.

Os cantos das romarias e das festas ou fainas agrícolas têm mais alegria para o Norte, são mais variadas pelo Sul, desde a Serra da Estrêla de um lado, e da Gardunha do outro, até a margem no Tejo, onde domina o montado e a criação do suíno. As danças arruídam com os adufes quadrados em batuque, e ao ritmo dêles saltam os pés e cantam as vozes numa alegria buliçosa de gente forte e farta. Formam coros orfeónicos nas segadas

e nas vindimas, quer durante a faina do campo, quer nas horas do descanso; formam metafòricamente «capela»:

Canta tu, cantarei eu,
Formaremos uma capela;
Os anjos cantam no céu,
Nós cantaremos na terra.

Encadeiam grupos coreográficos em que entram mulheres e homens aos pares, e dançam animadamente danças de roda, com reduzido número de marcas para variar: rodar primeiro de mãos dadas, ou a bater palmas num cascalhar de tábua sêca, voltar depois cada par de por si; e cantar, cantar sem despegar, nas noites de arraial ou nas descamisadas à lua cheia; canta a voz, e repete o côro o estribilho, acompanhando o campo com o revoltear do pé de dança; como por exemplo:

Vai de roda em roda,
Vai de cruz em cruz;
Vai de braço dado
Com seu ai Jesus.

Lendas de Mouros às guinadas guerreiras descem as serras, e é talvez a Gardunha a mais rica dêsses tesouros; almas em prece devota sobem as mesmas serras em busca do refrigério das capelinhas, semeadas como nenúfares à flor do tanque; e as estradas rastejam longamente como faixa desdobrada no chão, entre os renques de eucaliptos que lembram soldados perfilados diante da Beira natal, que vai passar.

## III—*A BEIRA MONUMENTAL*

Com a païsagem, que é a criação natural, e com as caracterísiticas do habitante, que dão o pitoresco e originalidade, o romeiro da Beira terá de procurar e viver o monumento, a obra de arte, que põe na obra dos homens o sêlo dos séculos.

A história da Beira é um capítulo da crónica geral; reflectem-se nela as vicissitudes por que passou a terra portuguesa: na formação da nacionalidade, na expansão territorial, na defesa militar, nas instituïções sociais, como na epopeia transoceânica, e na ruína.

Quando a guerra da conquista dava aos cristãos, que desciam do Douro, as terras que os Mouros iam deixando, era necessário fixar o terreno contra o retôrno ofensivo do inimigo. E os castelos surgiam nos altos

a barrar o caminho; as povoações existentes reforçavam ou reconstruíam as cêrcas de muralhas; torreões e torrelas guardavam os ângulos, abriam-se mais seteiras, adestravam-se os homens de guerra; com vigias espertos, alcandoravam-se nos pontos de ligação as atalaias. A linha de defesa cristã não era regular, por isso a série de castelos corria em linha quebrada, consoante o terreno e as operações militares por êle condicionadas, e formaram depois uma rêde forte.

Conquistada a terra, urgia sem detença povoá-la e defendê-la com eficácia. ¿Quem quereria viver na zona fronteiriça, ameaçada pela agressão do Mouro, do Leonês ou Castelhano? Erguiam-se castelos e davam-se regalias excepcionais a quem fôsse habitar dentro das suas muralhas, o que foi um plano hábil de povoação e defesa. E atrás de uns, outros castelos se levantaram.

Passa o período buliçoso da conquista, e as fôrças sociais e políticas procuram o seu equilíbrio estável. As cidades desenvolveram o seu âmbito; os reis, num vaivém de côrte nómada, percorrem o País, distribuindo benesses, fazendo justiça, fundando castelos, desenvolvendo povoações, concedendo forais. Os nobres acastelam ameaçadoramente os paços senhoriais; fundam, como os reis, conventos, hospícios, igrejas; dão forais. A clerezia com o auxílio real, com dádivas dos nobres, com a tributação do trabalho, do tráfico e dos bens das comendas e terras coutadas, ergue catedrais, cria mosteiros e abadias, institui capelas. O povo organiza-se municipalmente nos concelhos, nas vilas e cidades, é forte, dá fôrça a quem o apoia, embarca para Marrocos, Brasil e India, levanta-se contra o opressor.

Por toda a terra da Beira estão espalhados monumentos dessas épocas sucessivas, uns magníficos outros humildes, uns em bom estado de conservação, em ruína mais ou menos adiantada outros, mas todos êles dignos de respeito e atenção pelas lições de história, amor pátrio e arte, que recordam e animam, e pela poesia, ora épica ora lírica, sempre encantadora, que revelam.

Os castelos sobem perfilados para o céu de todos os horizontes beirões, mais, porém, da Beira fronteiriça como pôsto avançado na defesa da terra. É vê-los num cordão de nós, aqui mesmo cavalgados na raia, ali recuados, a precipitar avalanches dos montes escalonados: *Numão,* de sólidas tôrres; *Castelo Melhor*, em quási completa ruína o seu aparelho miúdo; *Longroiva* e *Marialva*, quási a par, aquém do Rio Coa; *Castelo Rodrigo*, com a sua tôrre de menagem, espaçosa e alta; *Almeida*, a vítima fatal de todas as agressões, até a invasão de Massena, e que podia ser um museu de arte militar; *Pinhel*, uma ruína, que seria um simpático museu de ruínas naturais; *Castelo Bom*, *Castelo Mendo*, *Alfaiates*, veteranos esquecidos das guerras, e mutilados da paz; *Sabugal*, surpreendente nas duas cêrcas que cintam

a povoação, e na tôrre de menagem pentagonal, ou de «cinco quinas», como diz o povo, e de que o povo canta:

Castelo de cinco quinas,
Não o há em Portugal,
Senão à beira do Coa,
Na vila do Sabugal.

Seguem-se os castelos de *Penamacor* com a tôrre de menagem de pé; *Penha Garcia*, de que pouco resta já; *Monsanto* e *Salvaterra do Extremo* com as suas tôrres de menagem a marcar alturas; *Segura* e *Zibreira*, junto da raia; *Rosmaninhal*, cioso da tôrre de menagem e da barbacã, rodeadas de destroços; *Castelo Branco*, de parcas ruínas; a atalaia de *Vila Nova de Ródão*. Mais dentro, numa segunda linha de refôrço: *Penela*, altiva como se fôra na Idade Média, a tôrre de menagem sólida, mais tôrres, salientes, cortinas de ameias à prova; *Penedono*, mais a sua tôrre de menagem; *Sernancelhe*, reduzido aos alicerces; *Trancoso*, imponentíssimas ruínas de um castelo de quinze tôrres; *Celorico*, ruínas simpáticas de um castelo que foi símbolo da lealdade portuguesa; *Guarda*, com a sua tôrre de menagem, numa ruína; *Linhares*, com cortinas e tôrres; *Belmonte*, entre restos de muralhas e tôrres, com a tôrre de menagem muito alta, aberta em duas janelas grandes, e com ruínas de uma capela românica; *Covilhã*, sôbre a Cova da Beira, com duas tôrres altaneiras; e *Castelo Novo*, quási em ruínas completas.

Outros estendem-se pelo interior nas linhas de penetração, e a proteger as povoações mais importantes: *Vilaregues* (Vouzela), *Alcofra* (Vouzela), *Cambra*, três atalaias, no vale do Vouga; *Seia*, *Currelos* (Carregal), *Lousã*, *Condeixa*, *Soure*, *Montemor-o-Velho*, *Coimbra*, reduzido a simples restos, como a *Porta de Almedina*, e outros pelo vale do Mondego; no litoral, acima da Ria de Aveiro, o castelo da *Feira*, belo entre os mais belos, admiràvelmente conservado com a sua tôrre de menagem, única do seu tipo, cantonada de tôrres mais altas e de remate cónico; e na linha do Douro, os de *Lamego*, de tôrre de menagem solene; a atalaia de *Ucanha*, a defender a passagem do Barosa, *Ferreiros de Tendais* (Sinfães), em boa conservação; os restos de muros com a Porta de Suar, de *Viseu* ...

*

Mais conservados que os castelos, só excepcionalmente cercados do respeito merecido, estão os edifícios religiosos, que a pé, através de tudo, se conservam contra tudo e contra todos.

Na Beira monumental, consideremos dois centros artísticos principais, ambos êles duma grande pujança, donde irradiava influência sôbre a região

COIMBRA—SÉ VELHA

circundante; no caminho da costa, *Coimbra*; no centro da Beira, *Lamego-Viseu*.

O roteiro artístico pela província deve começar em Coimbra, cidade do Mondego, onde residiu a Côrte, foi sede faustosa de bispos do Renascimento, e se desenvolveu com fama e glória a Universidade de D. Denis, os três factos essenciais que contribuíram para fazer da cidade um cadinho de arte.

Na verdade, todas as épocas da história artística estão representadas em Coimbra, que, na sua feição típica de cidade medieval, forma com Santarém e Évora as três cidades mais características e nesse aspecto mais belas e evocativas da terra portuguesa: as três Marias ou três Magos no Orion desenhado pelos contornos de Portugal.

Os restos da cêrca medieval de Coimbra estão reduzidos principalmente ao *Arco de Almedina*, porta de grande altura, erguida em ogiva, por onde se saía para o arrabalde, também murado, à beira do Mondego; numa das arestas tem um escudo português, como se usava antes do reinado de D. Afonso III, as quinas, sem os castelos, o que levou Borges de Figueiredo a considerar esta porta contemporânea de Martim de Freitas, o nobre e leal alcaide defensor da cidade pelo seu Rei D. Sancho II contra a usurpação de D. Afonso III, lealdade só terminada quando foi depor as chaves da cidade nas mãos do cadáver do seu soberano, morto no exílio de Toledo. Sob a arcada vêem-se esculturas do reinado de D. Manuel (século XV–XVI): o vulto da Virgem Maria, as armas de Portugal e o brasão da cidade. Sôbre a curiosa e bela porta assenta o edifício da antiga câmara de vereação ou *Torre da vrolaçam*, onde estava o sino de correr.

A riqueza monumental consiste em edifícios religiosos, que se mantêm na sua utilização ou dela foram desviados para outras aplicações. Porque: não conserva os muros do acastelamento; a alcáçova real, no alto da cidade, foi transformada nos edifícios da Universidade e apenas tem vestígios na capela universitária de reconstrução manuelina; nem o pelourinho, símbolo heráldico da sua autonomia municipal, se vê na praça mais importante.

*Século XII.*—Expandia-se na sua beleza a arte românica, «o nosso primeiro brasão artístico», lhe chamou o crítico de arte Sr. Joaquim de Vasconcelos; e Coimbra tem dêste século três monumentos admiráveis: dois de porte pequeno, a *Igreja de S. Salvador* com a sua fachada primitiva, rasgada pelo portal de bom modêlo, e a *Igreja de Santiago*, de lindos pórticos, o principal e o lateral, admiráveis de elegância, decoração e variedade: o terceiro é o nosso melhor monumento românico de grandes dimensões, a *Sé Velha*. Havia um quarto monumento grande, do século XII, que era *Santa Cruz*, construção primitiva do arcediago D. Telo, auxiliado pelo Rei D. Afonso Henriques, mas nada resta dêle.

A *Sé Velha* foi erigida pelo Bispo D. Miguel, no reinado de D. Afonso Henriques; tem na sua mole pesada um aspecto grandioso, com as ameias que lhe dão marcialidade; os pórticos são majestosos; o principal, ao Poente, é obra prima de arquitectura românica, tanto na harmonia da fachada, como na decoração dos elementos; e o lateral, na fachada do Norte, pertence ao século XVI, constituindo com os seus três pavimentos o mais belo exemplar do primeiro Renascimento em Portugal; é conhecido pelo nome de *Porta Especiosa*. A ábside metida em construções seiscentistas, com os seus absidíolos, tem grandeza; a fachada da sacristia, logo ao lado, atesta o brasão do bispo seiscentista D. Afonso de Castelo Branco, mecenas magnífico da Sé nos séculos XVI e XVII. Dentro: planta cruciforme, três naves de abóbada, um *triforium* gracilimo de arcos geminados, à volta da nave central, o altar-mor, gótico, a toda a altura da abóbada, de talha dourada, obra de maravilha concluida em 1508 por Oliveiro de Gande e João de Ipres, por mandado do Bispo D. Jorge de Almeida, o maior bispo artista de magnificência renascentista da Sé de Coimbra; êste bispo também mandou fazer a capela absidial do lado do Evangelho, que é o seu mausoleu; do lado da Epístola é a capela do Santíssimo, que outro bispo quinhentista, D. João de Melo, mandou fazer em 1566, obra de bela arquitectura, boa decoração e escultura admirável, tanto nas estátuas de Jesus, Nossa Senhora, Apóstolos e Doutores da Igreja, como no tabernáculo; túmulos dos séculos XIII e XIV; o claustro é gótico primário, contemporâneo do de Alcobaça, e notável pela harmonia e pureza de linhas; há nêle uma capela de estilo do Renascimento, onde está a sepultura do Bispo D. Afonso de Castelo Branco.

*Século XIII–XIV.* — Periodo de transição do românico para o gótico, já ficou mencionado o claustro da Sé Velha, e anotar-se hão mais: a Igreja de três naves de *Santa Clara-a-Velha*, fundada por influência da Rainha Santa, e hoje inundada pelo Mondego; o *Mosteiro de Celas*, fundado pela Infanta D. Sancha, filha de El-Rei D. Sancho I, e reduzido à igreja de planta circular e abóbada de nervuras, e ao claustro já do século XIV, notabilíssimo pela galeria de arcos sôbre colunas geminadas com lindíssimos capitéis, onde o artista esculpiu passos da Vida da Virgem e de Jesus Cristo, que são um encanto de poesia mística; da construção primitiva de *Santo António dos Olivais*, destruída por um incêndio no meado do século XIX, só existe uma porta ogival.

*Século XVI.* — E o apogeu das artes portuguesas; vem o *manuelino* conjugar-se em Coimbra com o românico, os dois estilos arquitectónicos dominantes na cidade de bispos artistas. Lá está o sêlo de época no *Arco de Almedina*, nas obras do Bispo D. Jorge de Almeida, na *Sé Velha*, na capela manuelina de *Nossa Senhora do Carmo* da Igreja românica de *S. Sal-*

*vador*. Monumentos autónomos dêste estilo mixto, gótico-renascimento português, são: a Capela da Universidade, que foi construída por Marcos Pires e é a parte restante da reedificação do Paço das Alcáçovas, e a *Igreja*

COIMBRA — CLAUSTRO DE CELAS

*de Santa Cruz*, do mosteiro dos cónegos regrantes de Santo Agostinho. Muito há digno de ser visto nesta igreja e suas dependências: a fachada majestosa, conhecida pelo nome de *Portal da Majestade*, obra de Mestre Nicolau e Diogo de Castilho, com o seu pórtico e janela num estuar de lavores e esculturas; a abóbada tam formosa da sua nave única, bocetes

lavrados no cruzamento das nervuras, num conjunto sumptuoso, iluminado por elegantes janelas de arcos policêntricos, guarnecidas de colunelos; o púlpito, de pedra de Ançã, é uma maravilha de execução de João de Ruão, o *Iohannes Magister* que o assinou; o altar-mor de talha, a teia do cruzeiro, os altares modernos de Nossa Senhora das Dores e Senhora da Conceição, o côro com o cadeirado duplo, perfeito na execução e único da época, os túmulos ... Logo à entrada se encontra o túmulo heráldico de D. Fernando Cogominho, senhor de Chaves e alcaide-mor de Coimbra, mais de sua mulher D. Joana Dias, senhora de Atouguia; mas o sumo encanto dão-no-lo os dois túmulos da capela-mor, o de D. Afonso Henriques, o primeiro rei, e o de D. Sancho I, seu filho, ambos duma exuberância decorativa e duma riqueza de pormenor que esmagam, e, no meio dêsses grandes nichos, obras primas da arte manuelina, estiram-se as estátuas jazentes dos dois monarcas sôbre o arcaz dos ossos; a decoração dêstes túmulos é duplamente curiosa, pela feição característica do manuelino-gótico, e pelo contraste da técnica, que denuncia trabalho de mais de um artista.

Depois: a sacristia forrada de lindos azulejos e rematada pela cornija que suporta uma abóbada de caixotões octógonos, e é obra de Tomé Velho, concluída em 1582, tem quatro painéis do século XVI, entre os quais, o *Pentecostes*, assinado por *Vellascus*, e um *Descimento da Cruz*, de André Gonçalves, também do século XVI; a *Casa do Capítulo*, de 1582, de abóbada artesonada, com um lindo pórtico para o claustro, atribuída também a Tomé Velho; o *Claustro do Silêncio*, de abóbada sumptuosa, arcarias de arcos subidos e mainéis de rica decoração de laçaria no claustro baixo, e de arco abatido na galeria alta, de 1524, em que Marcos Pires demonstrou a feição popular do manuelino; os retábulos com scenas da paixão de Jesus em alto relêvo de pedra de Ançã, nos cantos do claustro; a capela do Prior de Santa Cruz, D. Teotónio, com o seu Santo onomástico sob um riquíssimo baldaquino.

Exemplar curioso de arte manuelina é o *Palácio de Subripas*, cuja porta principal é dum pitoresco singular, cheio de encanto, na sombra dum arco de ligação, a par duma das tôrres da cêrca velha da cidade — a Torre de Anto. Há do mesmo período pela cidade, como no Largo da Estrêla, elementos esparsos: janelas, portais, construções ...

Do mesmo século XVI, mas do segundo Renascimento, arte jesuítica, há muitos monumentos em Coimbra, facto devido ao domínio da Companhia de Jesus no ensino universitário desde 1555. Aglomeram-se na parte alta ou seja no bairro universitário.

O mais característico de todos é a *Sé Nova*, vasto templo de fachada severamente grandiosa, com uma só nave, abóbada de caixotões, altares dignos de atenção, como o altar-mor; serve de Sé desde 1772 e fazia parte

do Colégio das *Onze Mil Virgens*, juntamente com os edifícios escolares onde está embutido; mui perto, os hospitais universitários estão no antigo Colégio das Artes, de que resta o claustro.

Uma série de colégios conventuais do meado do século XVI dispersa-se pela cidade: *Colégio de S. Tomás*, para os dominicanos que freqüentavam a Universidade, e do qual resta um belo portal do Renascimento, com medalhões e estatuetas, obra de 1540; o *Colégio de Nossa Senhora do Carmo*, de 1542, com a sua igreja de 1595, esta com um pórtico apreciável, uma só nave de abóbada apainelada, obra de talha e mimo decorativo; o *Colégio da Graça*, fundado em 1548, cuja igreja é do Renascimento; o *Colégio Novo*, construído por Felipe Terzio para os estudantes, por ordem dos cónegos de Santa Cruz.

Dos fins do século XVI é o *Aqueduto de S. Sebastião* de Felipe Terzio, e o *Paço episcopal* do Bispo Conde D. Afonso de Castelo Branco, delicioso edifício de magnate, sóbrio de arquitectura mas elegante no seu pátio aberto, e ao fundo com uma galeria de grácil colunata rasgada para o rio; nêle está instalado o Museu de Machado de Castro.

*Século XVII.* — Já nos princípios do século XVII, foi construído em estilo de Renascimento o belo *Colégio de S. Bento*, com uma igreja de grande originalidade e primores de arte dos arquitectos Álvares, Belchior e Afonso, hoje porém votada a um desolador abandono. São dêste século: a *Porta Férrea* da Universidade; o *Convento de Santa Clara-a-Nova*, obra de Fr. João Turriano, engenheiro-mor do Reino e lente de Matemáticas, tendo sido lançada a primeira pedra em 1649; para lá foi conduzido em 1677 o corpo da Rainha Santa Isabel, que está num túmulo de prata, oferecido pelo Bispo Conde D. Afonso de Castelo Branco, vendo-se na igreja também o primitivo túmulo de pedra da mesma Rainha, e dois túmulos góticos, um da Infanta D. Isabel, neta do Rei D. Denis, e outro da Infanta D. Maria, filha do Infante D. Pedro, depois D. Pedro I, e de D. Constança, e mulher do Marquês de Tortosa.

Do século XVIII são: na Universidade: a *Biblioteca* (1725), obra de D. João V, com um pórtico pomposo; a *Torre* (1733), o *Observatório Astronómico* (1795), o *Jardim Botânico*, devido aos professores de Botânica Vandelli, italiano, e Brotero, português; o *Seminário episcopal*, de arquitectura airosa, mandado fazer pelo Bispo Conde D. Miguel da Anunciação.

No Palácio do Bispo foi instalado um museu de arte, com o nome de *Museu de Machado de Castro*, e para a igreja anexa de S. João de Almedina, depois de adaptada, foi transferido o *Tesouro da Sé*, constituindo-se um Museu de arte religiosa com as alfaias e prataria da Sé, já reünidas pelo Bispo Conde D. Manuel de Matos Pina, grande espírito de artista, e acrescidas de outras, procedentes de vários conventos.

*

Em S. Marcos, próximo de Coimbra, à distância de onze quilómetros, resta de um convento sumptuoso, destruído por um incêndio, uma linda capela que Haupt, no livro traduzido para língua portuguesa *A Arquitectura da Renascença em Portugal*, chamou «sucursal dos Jerónimos»; é o panteão dos Silvas, os Condes da Silva; a fachada singela tem um pórtico manuelino de rica decoração; o altar-mor mais o seu retábulo com a Deposição de Jesus no túmulo, e as estátuas ajoelhadas dos fundadores, em nichos que ladeiam o altar, e, sob baldaquinos, S. Jerónimo e S. Marcos, por trás dêles, fazem lembrar o pórtico ocidental dos Jerónimos; túmulos datados de 1522, de uma decoração profusa de gôsto do primeiro manuelino, cavam-se na parede do Norte, com os despojos dos Silvas; do mesmo lado, há uma capela de formosa cúpula e ricamente decorada, já do fim do século; as abóbadas são elegantes, e os estribos das nervuras alindam o conjunto decorativo. A influência de Santa Cruz de Coimbra é evidente neste faustoso monumento.

A caminho da *Figueira da Foz* fica a vila de *Montemor-o-Velho* com o seu castelo medieval de evocadoras ruínas que tem a capela de Santa Maria do Castelo; aquela praia é uma cidade moderna em uma região de vestígios arqueológicos, que podem ver-se no *Museu Municipal de Santos Rocha*, onde avultam os objectos da segunda idade do ferro, procedentes das pesquisas de Santa Olaia, Crasto e Chões; tem ainda erecto o pelourinho de Setecentos, formado de uma coluna torcida com um capitel pomposo, no estilo de D. João V. Para Nordeste de Coimbra fica *Lorvão*, que tem um convento de fundação anterior à monarquia, pois vem do século VII; foi entregue em 1200 à Infanta D. Teresa, filha do Rei D. Sancho I, que aí com outras donas professou sob a regra de Cister; o edifício actual é espaçoso, como essoutros grandes conventos de Arouca e de S. João de Tarouca, também na Beira; tem sumptuosidade severa; o côro, feito de carvalho, é obra de ver-se; a grandiosidade do interior do templo impressiona; tem os túmulos de prata e pedrarias do século XVII com os restos mortais da Infanta D. Teresa e irmãos, e de D. Sancha.

Uma digressão artística pelo Sul de Coimbra percorre povoados de crónica mais ou menos remota e de monumentos elucidativos, mais ou menos perfeitos, completos e conservados: *Sernache; Condeixa-a-Nova; Condeixa-a-Velha* com as suas fortes muralhas romanas, que formaram duas cêrcas, a primeira com lanços completos, três pontes, restos de um aqueduto e destroços de muitos edifícios; *Penela*, de belos adarves e com um pelourinho, que na sua singeleza e rudez é o mais típico exemplar dos monu-

mentos medievais dêste género; *Miranda do Corvo*, com documentos de expansão artística da segunda metade do século XVI; *Lousã* com ruínas do castelo dos Mouros, território que no todo ou em parte pertenceu à Ordem dos Templários, à qual D. Teresa doou em 1128 a vila de Soure e todas as terras entre Coimbra e Leiria; *Góis*, com a sumptuosa capela funerária dos Silveiras, quinhentista. Um périplo para o Norte, passa por *Penacova*, a 22 quilómetros da origem, *Lorvão*, do convento grandioso, atrás mencionado; *Buçaco*, a serra admirável de beleza, misticismo e his-

AVEIRO — CAPELA-MOR DA IGREJA DO CONVENTO DE SANTA JOANA, HOJE MUSEU REGIONAL

tória, onde, a par de um hotel moderno de luxuosa arquitectura manuelina, se agacha, na sombra dos cedros gigantes, o solitário convento carmelita, pitoresco e poético, e, numa esplanada sôbre o Norte, se perfila um obelisco simples que comemora a batalha em que o exército anglo-luso derrotou as águias de Massena; *Pampilhosa do Botão*, com a sua igreja gótica ...

*

Para fora da região coimbrã, caminhando ao Norte, encontra-se a zona aveirense, menos rica de monumentos, mas com alguns de altíssimo valor. *Aveiro* não é uma cidade monumental; a sua grandeza está na imponência da natureza envolvente e no pitoresco das ruas abertas em canais; um dos seus melhores edifícios históricos é o Convento ou *Mosteiro de Jesus*, onde

professou na regra dominicana a Princesa D. Joana, pretendida das casas de Luís XI de França e Frederico IV da Alemanha, e regente do Reino, quando o pai El-Rei D. Afonso V corria Marrocos com a bandeira de Portugal; a primeira pedra foi colocada em 1462; a Princesa foi canonizada em 1750, e o Convento tomou a sua invocação, *Convento de Santa Joana* que hoje é o Museu regional, de magnífica documentação de arte. É notável o pórtico da *Misericórdia*, em estilo do Renascimento. Tem mais conventos, como o da Madre de Deus, de franciscanos, e outros de aspecto imponente, do segundo Renascimento, de D. João III e de D. Sebastião; cruzeiros elegantes como o de S. Domingos; capelas como a do Senhor das Barrocas; e de arquitectura civil a arcada dos Balcões, casas setecentistas, etc.

A dez quilómetros de Aveiro, é digna de ver-se a capela funerária dos Lemos, belo espécime do Renascimento, encorporada na matriz da Trofa do Vouga, e recentemente estudada pelo Sr. Prof. Aarão de Lacerda.

Em *Arouca* levanta-se um dos maiores e mais antigos edifícios conventuais do País, de fundação românica, ao tempo em que se espalhavam pela província os templos de pequenas dimensões, e nos centros maiores, mais ricos ou mais protegidos, se condensavam as moles românicas das Sés e dos Conventos; êste de Arouca é dos mais majestosos, se bem que não seja o primitivo, que ardeu e foi reconstruído como está. Professou nêle, e aí viveu por setenta anos, a Infanta D. Mafalda, filha de D. Sancho I; lá se vê o túmulo da Infanta, que é de pau-santo e nogueira com guarnições de prata.

Subindo de Coimbra a estrada, que na vertente esquerda do Mondego alonga a Serra da Estrêla até Celorico, encontra-se a vila de Oliveira do Hospital, sede de concelho; tem no aro municipal: a *capela dos Ferreiros* na matriz da vila; a igreja *matriz de Bobadela*, vila antiga com carta de foral dada na Guarda por D. Afonso III em 1256 e foral novo de D. Manuel datado de Lisboa em 1513; e a *capela de Lourosa*, povoação antiga também, com foral do Bispo de Coimbra em 1347, e do Rei D. Manuel em 1514.

A capela de Lourosa é duplamente preciosa, pela arquitectura e pela ausência da decorativa pre-românica e proto-românica. Um dos elementos arquitectónicos de maior interêsse para a história artística é o aparecimento do arco ultra semicircular, como passagem ou formação do arco de ferradura; aparece esta forma de arquivolta nos três arcos que de um e outro lado ligam a nave central com as laterais, no arco da capela-mor, numa porta entaipada no tôpo da nave, do lado do Evangelho, e na janela mudéjar, geminada, do côro, por cima da porta central que teria tido arquivolta igual a condizer, e cujos restos serão os que se vêem embutidos a-troche-e-moche pela parede. Estes arcos apoiam sôbre ábacos que assen-

CASTELO DA FEIRA

tam nos capitéis de colunas grossas. O conjunto respira um ar bárbaro em que domina uma tendência espiritual para a harmonia. A povoação forma também na sua rudeza o scenário próprio dêste monumento medieval.

Ao Norte da Ria de Aveiro na vasta chã ondulada, poisa num cabeço o *Castelo da Feira*, a Sudoeste da Vila da Feira. É o mais formoso castelo de Portugal pelas suas dimensões e pela originalidade; há na Beira castelos formosos, a todos sobreleva em fôrça de gigante airoso êste colosso de pedra; as cortinas recortam no céu azul as ameias aprumadas, e, a lembrar escudos em riste nas lutas da conquista, abrem no campo seteiras em forma de cruz; a Tôrre de Menagem, quadrada e vasta, encrusta cada canto em torrelas esguias, que cavalgam o terrado e se cobrem de cúpula cónica. D. Manuel reedificou por 1512 o castelo, ergueu redutos, cubelos e a barbacã; também êste Rei reconstruíu a ponte de D. Denis sôbre o rio Lavandeira; por isso a divisa manuelina da esfera armilar aí campeia.

*

Entrando por Castro-Daire e subindo a Viseu, ou alongando o Douro e descendo a Lamego, topa-se o segundo centro de grande densidade monumental da Beira, entre Lamego ao Norte e Viseu ao Sul. Se em Coimbra, pela sua situação geográfica e pela importância social, que lhe adveio de ser cidade universitária e cidade de ligação entre o Norte e o Sul, as artes ar-

quitectónicas se desenvolveram e condensaram exuberantemente, aliando-se ao primitivo românico, sem o suplantar, o manuelino e o Renascimento, da era brilhante de Quinhentos, deve observar-se que em Lamego e sua região o românico dominou sem alianças.

A cidade de *Lamego* conserva do seu castelo medieval a *Torre de Menagem*, dominante no alto da colina, e as muralhas com as tôrres e as sete portas guardadas por cubelos que as ladeiam; aglomeram-se no recinto edificações do século XIII; a cisterna de silharia regular, com abóbada de ogiva, bem conservada, lembra um templo. A *Igreja de Almacave*, a que anda ligada a lenda de aí terem reünido as primeiras Côrtes de Portugal, as que teriam aclamado D. Afonso Henriques, é do século XII, muito embora haja quem lhe atribua honras de catedral com os Suevos e os Visigodos, e mesquita com os Mouros, tendo-a nesta hipótese recristianizado o Conde D. Henrique; tem ao lado uma tôrre quadrada; o pórtico principal é formado por três arquivoltas de arco subido, com uma faixa decorativa de enxadrezado.

A *Sé Catedral*, notável de arquitectura, é ampla e majestosa, mas afinal manta de retalhos arquitectónicos; tem românico, tem gótico, tem manuelino e Renascimento, restauros e ampliações dos séculos XVII e XVIII. A primitiva construção românica do século XII está hoje representada na tôrre-maciça, ao lado da frontaria; evidente no aparelho, janelas e frestas de arco redondo e trilobado. A fachada é de gótico derradeiro, com as três naves definidas, sendo a central muito mais alta; as portas laterais harmonizam-se com a principal, de arquivoltas em bico sôbre colunelos sóbrios de decoração; sôbre a porta do meio rasga-se uma janela de arco abatido, dentro de uma moldura rectangular, do século XVI. Os edifícios anexos patenteiam com tal elegância o século XVII, e o interior da igreja mostra os restauros do século XVIII. O *Paço episcopal* junto da Sé é obra do Bispo D. Manuel de Noronha, que no govêrno da diocese (1550–1569) fez obras na Sé e deu origem ao templo de *Nossa Senhora dos Remédios*, que no século XVIII foi ampliada pelo Bispo D. Manuel de Vasconcelos Pereira (1780–1786); esta igreja, que recorda e traslada o Bom-Jesus do Monte, de Braga, é formosa e bem adaptada à topografia e à paisagem, tem belos pórticos e uma curiosíssima capela hexagonal, obra do último bispo mencionado. A romaria da Senhora dos Remédios é das mais freqüentadas e ricas do Norte do País; da esplanada avistam-se outras seis capelas dedicadas à Virgem, formando assim o que o povo chama as «sete-irmãs».

À volta de Lamego sucedem-se os monumentos medievais, que fazem desta zona um curso prático de arte românica e pre-românica. São: logo à beira de Lamego a igreja de Balsemão, latino-bizantina para o historiador da arte portuguesa Sr. Joaquim de Vasconcelos, e visigótica segundo opi-

nião do escritor espanhol D. Vicente Lampérez y Romea; a igreja de S. Pedro das Águias, que se lhe aproxima; a Paroquial de S. Pedro e o mosteiro de S. João de Tarouca, ao Sul de Lamego; o mosteiro de Salzedas, as igrejas de S. Salvador, de S. Martinho-de-Mouros, de Barrô, de Santa-Maria de Cárquere, no concelho de Resende; a de Armamar, e a de Barcos mais a capela de Sabroso, no concelho de Tabuaço; mais para o Sul, a caminho de Viseu, a matriz da Ermida, de Castro-Daire; todos estes monumentos são românicos. No concelho de Tarouca a tôrre da Ucanha serve de testa da ponte gótica sôbre o Barosa ou antigamente Fisto; são também góticas a tôrre da igreja de Ferreirim, templo que tem o túmulo manuelino dos condes de Marialva, e a capela de S. Domingos da Queimada.

A *igreja de Balsemão* tem um aspecto exterior de humildade; é o mais antigo monumento religioso de Portugal, que D. Vicente Lampérez y Romea atribui ao século VII; a decoração interna é de um valor extraordinário para o estudo da arte ornamental do românico português, bem como, e isso mesmo já se observou em Lourosa, para a evolução decorativa do arco-de-ferradura, vulgarmente considerado arábico. Encerra o túmulo gótico do Bispo D. Afonso Pires.

A *igreja de S. Pedro das Águias*, ou de *S. Pedro-Velho*, parente próxima das igrejas de Balsemão e de Lourosa, tem o pórtico de arco-de-ferradura, que lhe dá recuada idade e especial aprêço artístico a par das congéneres.

O *mosteiro de Salzedas*, habitado por frades bernardos, foi fundado pela mulher de Egas Moniz, no século XII; a igreja do século XIII, sagrada em 1225, consoante o afirma a *Monarquia Lusitana* (livro XI, p. 240), tem três naves e mostra semelhança com a do convento de S. João de Tarouca, mas pouco resta da fábrica primitiva, que no emtanto se descobre.

A *igreja matriz de Tarouca* —*igreja de S. Pedro* ou «*S. Pedro de Castro Rey*» até o século XV— é do fim do século XII, com o seu pórtico principal, cuja arquivolta é formada por três arcos de ponta, minguantes, lisos, e quatro colunas também lisas mas de capitéis lavrados; o pórtico lateral, rasgado num corpo saliente que a emmoldura, harmoniza-se com o primeiro; o campanário exterior de duas sineiras, com empena angular, tem a poesia das capelas e ermidas espalhadas pela região; a silharia está marcada de siglas, e os modilhões, em fila intacta, são de românico puro com estrêlas, carrancas, javardos e outra decoração típica. Interiormente foi muito remodelado. Encerra um formosíssimo túmulo manuelino.

O *convento de S. João de Tarouca* foi fundado, conforme o afirma a tradição, por D. Afonso Henriques, quando regressava da correria de penetração sôbre Trancoso. É do meio do século XII. Tem uma linda fachada, pórticos de arcos alçados em ponta; o claustro forma galeria de arcos

redondos sôbre colunelos gémeos com capitéis figurados, a lembrar o de Celas, em Coimbra; a igreja é ampla de três naves abobadadas em arcatura quebrada. Tem o túmulo de granito de D. Pedro, Duque de Barcelos. É notável na história da pintura portuguesa.

A *igreja de S. Salvador* abre a frontaria num lindo portal simples, de um arco em ponta sôbre duas colunas, e com um óculo por cima; o campanário duplo ergue-se em bico ao meio da empena.

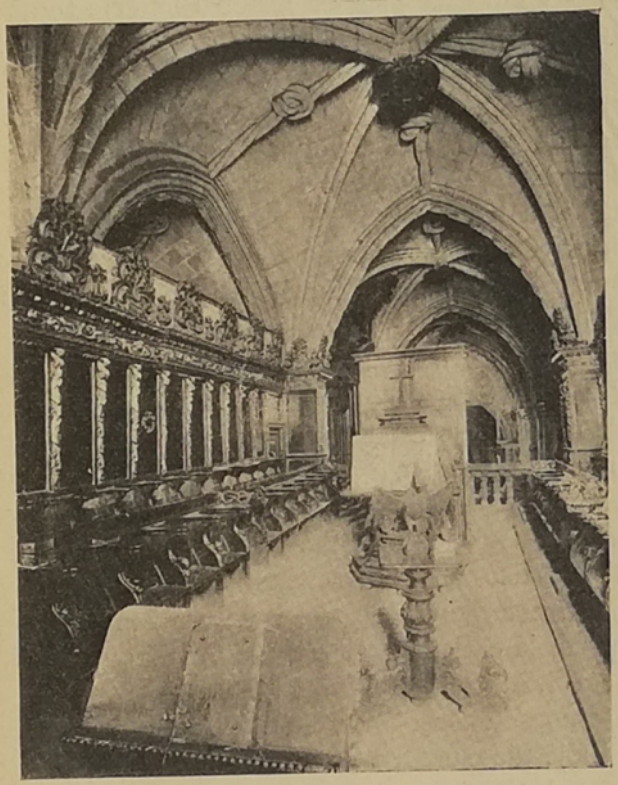
*A de S. Martinho de Mouros* é um exemplar excepcional na arte românica portuguesa: alarga-se a frontaria de empena direita e assume a forma de uma tôrre rectangular, na qual assenta um eirado saliente, de rebôrdo inferior debruado de arquinhos entre modilhões afeiçoados em cabeça de boi; dentro da igreja sobem os pilares e pilastras, que sustentam os arcos apoiantes da face traseira desta tôrre de perfeito sentido militar; sôbre ela ergue-se um corpo semelhante, a lembrar guarita rectangular de vigia, e serve de sineira. A porta principal, subida em arco de ponta, e dentro duma moldura de xadrez acompanhante, tem arquivolta de quatro arcos descendentes sôbre três colunas lisas de capitéis figurados e sôbre a imposta ao correr da fachada. No interior há um lindo friso de decoração vegetal, e é harmónico do portal o arco do cruzeiro, com ornamentação linear de dentes e losangos, a arrancar de capitéis com monstros que devoram almas.

Na *Igreja de Barrô* entra-se por um magnífico e sumptuoso portal poliarqueado, de timpano elegantemente vasado em cruz; a fachada é original, repartida por molduras em quatro zonas horizontais sobrepostas, e com a rosácea aberta num segundo pórtico de arco redondo, a cavaleiro do portal. Os cachorros da cornija têm formas variadas, e correm uma lição de decorativa românica. Uma porta lateral de arco em bico enfeita-se com uma faixa de xadrezado, como em S. Martinho de Mouros.

A igreja do minúsculo convento de *Santa Maria* ou de *Nossa Senhora de Cárquere* quási nada tem hoje da sua feitura românica; êste pouco é a capela tumular dos senhores de Resende, com uma pequenina janela verdadeiramente fresta, de arco redondo com arquivoltas e o estribo ornamentados; os arcazes tumulares da capela são quatro. Sofreu remodelações e restauros góticos logo nos fins do século XIII ou princípios do século imediato, o que se observa na abóbada de nervuras cruciais do altar-mor, nas janelas geminadas e exteriormente nos modilhões da cornija; o corpo da igreja, de uma só nave, é manuelino. Tem a par a tôrre do século XIII, de fôrça e aprumo militares. Foi seu fundador Egas Moniz, o aio exemplar como leal de D. Afonso Henriques. São notabilíssimas para a escultura portuguesa as imagens de Nossa Senhora de Cárquere, de marfim, e de Nossa Senhora a Branca, de pedra de Ançã, a primeira do século XIV, e a segunda, mais antiga, talvez românica.

A *matriz de Armamar* é de uma simplicidade adorável; as três arquivoltas da porta principal são lisas, de arco irregular de cintro pleno, assentes nas impostas decoradas de bolas; silharia regular com siglas; modilhões ornamentados com bolas, cabeças de javali e barris. Deve ter sido erguida no fim do século XII ou princípio do século XIII.

No concelho de Tabuaço encontram-se os templos de *Barcos*, igreja matriz, e de *Sabroso*. A porta principal da matriz da antiga vila de Barcos é de três arcos plenos, o periférico debruado de bolas no chanfro inferior, e o interno riscado de traços; os capitéis e os ábacos estão ornamentados; as portas laterais têm arquivoltas de arco aguçado, decoradas de pontas de diamante e de bolas. Como em quási todas as construções românicas, também esta tem os cachorros do alpendre corrido sôbre as portas. O Sr. Dr. Vergílio Correia, investigador da arte portuguesa, descobriu no muro da capela-mor uma preciosa série de pinturas murais, que atribui à segunda metade do século XV. A capela de *Sabroso*, do século XIII, tem simplicidade serrana; a empêna da fachada remata em ponta, acima do telhado, com o campanário de sineira simples; a porta de arco em ponta abre-se às escâncaras; só tem modilhões em volta da capela-mor, e êsses decorados de bolas, caras e rolos.



VISEU—CÔRO DA SÉ

Por aí abaixo, *Távora* com a *capela de S. Pedro*, do século XIII, *Ermida*, de Castro Daire com a igreja matriz de pórtico simples e elegante, arquivoltas em arco aguçado, dentro de uma moldura enxadrezada acompanhante, até Viseu.

Em *Viseu*, a *Sé* foi primitivamente de estilo gótico; a fachada, talvez gótico-manuelino, desabou em 1635, e a frontaria actual levantou-a em 1640 o arquitecto salmantino João Moreno; o interior, que está datado de 1513 no côro, é gótico de fundação, devida ao Bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas,

que governou a diocese de 1507 a 1519; a abóbada notabilíssima conhece-se pelo nome de «abóbada dos nós», proveniente dos artesões encordoados com nós; as divisas do bispo alternam nos fechos com o rodízio de D. Afonso V, o pelicano de D. João II e a esfera armilar de D. Manuel; no claustro, obra formosa do Bispo D. Miguel da Silva em estilo do Renascimento, de 1534, está a capela de Jesus, e na sacristia os quadros atribuídos impròpriamente a *Grão Vasco,* nome genérico das nossas pinturas góticas dos séculos XV e XVI. Em S. João de Tarouca há um retábulo de *S. Pedro,* e nesta Sé de Viseu há um outro *S. Pedro,* que na opinião do Sr. Dr. José de Figueiredo é uma réplica inferior do primeiro, ambos porém do mesmo mestre pintor Vasco Fernandes, o «Grão Vasco», e os dois como o *Calvário,* também nesta Sé, provam boa arte de modelador de figuras e de estilo decorativo. Quadros pequenos da série dos «grãos vascos», estão doze na sacristia e catorze na Casa do Capítulo, estes anteriores àqueles. É digna de ver-se esta Casa do Capítulo; o claustro, de estilo do Renascimento, é um lindo espécime do segundo quartel do século XVI, devido ao estímulo artístico do Bispo D. Miguel da Silva. O Paço Episcopal de Fontelo, do século XVI, é faustosa residência de bispos do Renascimento. As colecções artísticas da cidade estão reünidas no esplêndido *Museu de Grão Vasco,* que deve ser visitado.

O *castelo* que defendeu a cidade, bem como a cêrca que o cintou, estão hoje em ruínas, restando apenas alguns lanços de muros.

Não podendo, a pesar meu, alongar a resenha dos monumentos da Beira mais que o necessário para definir sintèticamente a importância monumental da região pelos seus mais notáveis centros de irradiação, é bastante o que aí fica anotado para despertar curiosidade por ela e lhe afirmar o valor artístico. Os templos, os castelos, os pelourinhos e os cruzeiros são evocadores da história e da arte em suas feições diferentes. Quem pretenda procurar na Beira os monumentos megalíticos, também os encontra em número, qualidade e conservação. Um roteiro completo haverá de mencioná-los.

Mas, para concluir a resenha cinematográfica dos monumentos, não devem esquecer: o belo pelourinho manuelino e a matriz também manuelina de *Foz Coa;* as ruínas de museu ao ar livre que é a cidade de *Pinhel;* os castelos de *Trancoso* e *Sabugal;* as imponências das ruínas do palácio senhorial dos Condes de *Castelo Rodrigo,* de triste memória, na vila do mesmo nome; os restos da capela românica do castelo de *Belmonte;* a tôrre escarnada, as paredes das casas dos Comendadores e da antiga matriz de Santa Maria do Castelo, assim como o Paço dos Bispos, morada grandiosa e versalhesca do século XVIII, hoje *Museu Municipal,* da cidade de *Castelo Branco.* E a *Sé da Guarda,* mixto de igreja e de castelo, na sua

couraça de granito, que é uma das mais sumptuosas do País: como outros edifícios da Covilhã, foi obra de D. João I, 1384; encanta a beleza harmónica e simples da porta lateral, em arco de quilha, com flor de lis, estilizada, na ponta; arcaturas fingidas cavam-se no tabuleiro de empena angular; contrasta com a porta principal de parca decoração; as ornamentações de cordas, molduras quebradas ou torcidas, provêm do tempo de D. Manuel e do Bispo D. Pedro Vaz Gavião, que governou a diocese de 1496 a 1516, e com os seus cinco gaviões heráldicos constelou a Sé da Guarda e Santa Cruz de Coimbra; o interior do templo é de D. João III e tem na capela-mor um retábulo de grande tamanho.

Quem faça a romaria da Beira, subindo de Coimbra a Viseu-Lamego, descendo após à Guarda e Castelo Branco, poderá de regresso voltar a Coimbra a completar o périplo da Beira na sua cidade maior. Dirá então se o cicerone o enganou nesta marcha na peregrinação da natureza e da arte. No final ficarão satisfeitos: êste, que lhe apontou a Beira, como quem diz: vai e procura; e o viajante que foi e a viu, lá em cima o Douro em brutezas, ao fundo o Tejo a cantar trovas de jardim...

Maio, 1928.

LUÍS CHAVES.

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

1929